

# A análise não é uma Conversaço

Guy Dana



Nesses tempos de pandemia do Covid 19 eu recebo, como inúmeros colegas, solicitações telefônicas e as sessões se fazem, portanto, por telefone. A partir dessa situação nova, quero compartilhar com vocês um certo número de observações, em particular sobre a questão do corpo.

Em primeiro lugar, eu nunca tinha experimentado tanto o quanto a presença dos dois protagonistas é indispensável a uma sessão de psicanálise. Que um trabalho possa se fazer fora do enquadramento clássico é uma coisa mas, nesse período excepcional, o retorno sobre o que permite ou o que traz esse enquadramento dito clássico pode ter seu interesse.

É a partir dessa constatação que o telefone é certamente um meio de prosseguir o trabalho engajado que devemos nos interrogar sobre o que significa a presença do analista como aquela, também, sobre um outro registro, do analisante. É finalmente a questão do corpo.

A escuta por telefone bastaria face à questão mais ampla de sua presença?

Pareceu-me que a situação excepcional atual comparativamente permitia uma sustentação e abriria talvez para novas rotas.

1. Começamos por essa ideia de que se a psicanálise é exatamente uma prática de tagarelar, ela não é, entretanto, uma conversaço. É um primeiro ponto que dá uma pista no contexto atual.

Essa distância para com a conversaço se sente em mim por um esgotamento inabitual. Eu me pergunto então por que essas sessões são mais asteniantes que por ocasião das sessões habituais, quer dizer, com a presença regrada do analisante e do analista; retorno a essa constatação: que o que falta, é o corpo, os corpos.

A voz, as vozes são certamente do corpo, mas nós poderíamos sustentar que do corpo falta ao Outro, na ideia formulada por Lacan no seminário *Encore* [1], de que o grande mistério do corpo falante é que, corpo e Outro têm parte ligada, são indissociáveis e aí, falta como uma superfície de acolhida, falta ao corpo. A escuta telefônica, por mais preciosa que seja, não supre no engajamento a presença do corpo ou dos corpos. Por esse motivo, nós somos levados a nos interrogar sobre a função do corpo por ocasião de uma sessão com o setting habitual?

2. O que é que muda com as sessões por telefone e por que nessa circunstância, a questão da conversação se torna uma inclinação que exerce uma tentação; é verdade também que nessas circunstâncias clínicas que eu não detalharei aqui, ela se torna às vezes necessária (penso em certas situações que bordejam a psicose); certos pacientes o ressentem a tal ponto que eles recusam categoricamente toda ideia de uma continuidade por telefone como se uma forma de proximidade se estabelecesse; eles querem guardar distâncias e telefone lhes parece nesse sentido perigoso porque ele contém o risco de uma conversação ou o que eles ressentem como tal, quer dizer, o signo de uma proximidade precoce demais. No fim da análise, sem dúvida, pode-se falar de uma conversação e é a constatação que convida Lacan a fazer em uma sessão do seminário sobre as psicoses [2]: “O sujeito começa por falar dele e não fala com você - a seguir, ele fala **com você**, mas não fala dele - quando ele tiver falado dele, que tiver mudado sensivelmente nesse meio tempo, com você, teremos chegado ao fim da análise”.

Aqui a expressão **com vocês** que sublinho porque me parece que é a intenção de Lacan, quer dignificar uma mudança de estatuto para a palavra que definitivamente, no fim do percurso, alcança a conversação; ainda que haja alguma coisa - inclusive aí no final de percurso - que não se elimina da transferência pode-se fazer a hipótese de que quando este aí tiver deixado cair grande parte, a conversação se torna possível.

O que os protagonistas evitavam é uma proximidade grande demais, ali onde precisamente a conversação vaga. Ora, nesse contexto, o fio da elaboração corre o risco de se perder por uma quebra com o inconsciente, por um levantamento poder-se-ia dizer, do mistério... do mistério do corpo falante; a conversação objetiva os protagonistas e sela o fim (da neurose) da transferência. Freud evocava, na transferência, a pessoa do médico; nesse ponto, a noção de suposto saber que Lacan introduziu é a proteção frágil que põe à distância a conversação para deixar seu lugar à *bewältigung*, a elaboração que procurará - sem que isso seja sua intenção primeira e sobre esse ponto sem esperança de sucesso - levantar o mistério do corpo falante. Todo o interesse da fórmula é que, em favor do mistério, a origem da linguagem não será explicitada. Permanece, entretanto a incorporação do corpo pelo Outro. (fim do seminário *Encore*)

3. Eu queria também sublinhar dois pontos que me parecem fundamentais (3 e 4):

O primeiro concerne as resistências do analista a partir da asserção de que só há resistências do analista [3]: poder-se-ia pensar que sobre esse ponto e em

primeira análise, as resistências do analista diminuem pela aceitação do telefone. Nós poderíamos considerar, de fato, que a concordância dada às sessões por telefone são um sinal disso; mas essa primeira análise não basta porque o analista [4], diz Lacan, resiste quando ele não compreende com o que ele trabalha. Ele não compreende com o que ele tem a ver quando ele crê que interpretar é mostrar ao sujeito o que ele deseja, é tal objeto sexual. Ele se engana - (vou retomar esse erro do analista no ponto 4)

O verdadeiro inimigo do analista é o eu do analista e, sempre nesse seminário consagrado ao Eu na teoria freudiana, se lê isso: É a relação última do sujeito com um Outro verdadeiro, com o Outro que dá a resposta que não se espera, que define o ponto terminal da análise. - ... unicamente com a condição de que o eu do analista queira exatamente não está ali, apenas com esta condição de que o analista não seja um espelho vivo, mas um espelho vazio. [5]

4. O segundo ponto a sublinhar e que concerne sempre à mesma inclinação, aquela do risco da conversação se encontrar nesse texto fundamental para mim das Variantes da cura-tipo onde Lacan afirma o tema da posição do analista.

Vale ressaltar que da maneira com que Lacan constrói sua frase e essa frase concentra, ao mesmo tempo uma posição psíquica a respeito do que é a análise para Lacan, mas igualmente, pela metonímia, a participação do corpo, porque diz Lacan [6]: o analista pode exatamente responder do lugar onde ele quer, ele não quer nada que determine esse lugar.

Sempre a mesma ideia, onde se trata de não dar um conteúdo, de não colar aí seu próprio desejo que então não seria senão da própria colheita do analista. A fórmula é surpreendente pela maleabilidade que ela supõe que poderia ser aquela de um iogue (!)

Definitivamente esse entrelaçamento do corpo e do Outro é exatamente o que atravessa a experiência analítica. O trabalho em situação de confinamento tem, portanto, seus limites.

[1] Lacan, J. O Seminário: Livro 20 - *Mais, ainda* – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, lição de 15 de maio 1973, p.178.

[2] Lacan, J. O Seminário: Livro 3 – *As Psicoses* – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, lição de 14 março de 1956, p.186.

[3] Lacan, J. O Seminário: Livro 2 – *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, lição de 15 maio de 1955.

[4] Lacan, J. O Seminário: Livro 2 – *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, lição de 15 maio de 1955.

[5] Lacan, J. O Seminário: Livro 2 – *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, lição de 25 maio de 1955, p. 310.

[6] Lacan, J. *Variantes do tratamento padrão*, em *Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, p. 325

Tradução: Letícia Patriota da Fonseca,

Psicanalista, membro da Association Lacanienne Internationale e do Espaço Moebius.

Publicado por Olivier Douville em

<http://olivierdouville.blogspot.com/2020/04/guy-dana-lanalyse-nest-pas-une.html>